

● sonho maçônico da independência

Venerável Mestre
Irmãos 1º e 2º Vigilantes
Irmãos Visitantes
Poderosos Irmãos

A Maçonaria brasileira teve um papel importantíssimo em todos os acontecimentos que antecederam a emancipação política do Brasil, em 1822. De fato, os ventos de liberdade que sopravam da Europa desde o século anterior chegavam até nosso país, encontrando formas de fortalecimento entre os que aspiravam o fim da dominação portuguesa.

Os fatos mais marcantes da história política no século 18 foram a Independência Americana em 1776, com a separação das 13 colônias da Inglaterra e poucos anos depois, em 1789, a Revolução Francesa e a queda da Bastilha. Em ambos os casos, a Maçonaria esteve presente, quer articulando, quer participando diretamente dos levantes. A própria Declaração da Independência americana foi redigida por um grupo de notáveis maçons, à frente Benjamin Franklin e Thomas Jefferson. Era natural, pois, que o mesmo anseio de liberdade atravessasse o oceano e viesse procurar guarida nesta parte do mundo.

A emancipação das colônias européias teve pleno êxito na América do Sul e Central, antes de ser conseguida no Brasil. A História registra que os principais líderes revolucionários latino-americanos tinham formação maçônica, a exemplo de Simon Bolívar e San Martín, heróis revolucionários e Francisco Miranda, político e maçom que percorreu as três Américas, fundando Lojas que, por sua vez, lutaram pela independência da região.

Não há registro de Loja Maçônica instalada regularmente no Brasil por esta época. O país vivia sob a forte tirania portuguesa e a História registra a perseguição brutal exercida a mando de Dona Maria, a Louca, contra a nascente Maçonaria portuguesa. O reflexo no Brasil foi imediato e os arquivos, fontes preciosas de informações para a posteridade, desapareceram. A ausência de registros, porém, não invalida a hipótese, de termos tido aqui, uma ou mais Lojas instaladas em fins do século 18.

Uma coisa é certa: na Inconfidência Mineira, fato mais importante do período que antecedeu a Independência tudo leva a crer que alguns maçons dela fizeram parte. Mesmo sem fontes concretas de informações, é duvidoso acreditar que intelectuais luso-brasileiros envolvidos na Inconfidência e que estudaram em Portugal e em França não tivessem formação maçônica adquirida além-mar.

E mais, o historiador maçom Manoel Gomes, em precioso volume intitulado “A Maçonaria na História do Brasil”, Editora Aurora, Rio de Janeiro, 1975, relata que o estudante brasileiro José Joaquim da Maia, matriculado em Montpellier, um importante centro maçônico francês escrevia em outubro de 1776, portanto dez anos da Inconfidência, a Jefferson, então ministro da recém-nascida república da América do Norte, solicitando ajuda para uma provável revolução que “nos levaria à independência”. Não se sabe se Da Mata era maçom, mas, vivendo em França e em contato com maçons franceses é quase certo que o tenha sido.

A historiografia oficial não dá destaque a outro movimento revolucionário pré-independência ocorrido na Bahia, a pouco conhecida Revolta dos Alfaiates, em 1799. São poucos os documentos que se relacionam à conjuração baiana, mas a despeito disso, se sabe a motivação revolucionária, o nome de alguns participantes e ainda, que a conjura teve orientação maçônica, conforme constatou o insuspeito historiador Pedro Calmon em sua “História da Civilização Brasileira”: “Os papéis que ficaram dessa conspiração pouca luz fazem nos mistérios em que ela (a revolta) se perdeu. (...) Alguns homens poderosos se agitaram por trás dos alfaiates e era maçônico o segredo que os unia”. Tomando por ideal a Revolução Francesa, os baianos também lutaram pela liberdade de pensamento e de religião, pela abolição da escravatura e pela instalação de um regime democrático. Das cerca de seiscentas pessoas implicadas, 34 foram a julgamento por sedição. O menor castigo foi o degredo e quatro mártires foram sacrificados na forca e tiveram os corpos esquartejados, a exemplo do que havia acontecido ao nosso Tiradentes.

Se não havia Lojas regulares, existiam maçons autênticos que se reuniam em associações e grêmios literários, fugindo à perseguição oficial. Por exemplo, registra-se a existência, em 1797, na Bahia de uma sociedade secreta com o sugestivo nome de “Cavaleiros da Luz”, de caráter eminentemente maçônico e que defendia, não só a independência, mas a instalação de um regime republicano no Brasil. Entre os componentes dessa organização, o mais conhecido é o padre Agostinho Gomes, famoso por sua participação em todos os movimentos da época que tinham por finalidade a separação política do Brasil de Portugal.

Foi em meio a esse clima revolucionário em várias partes do mundo que o Brasil entrou o século 19. Os maçons se agitavam aqui e ali, sonhando com a independência, a despeito de experiências desastrosas anteriores. O sempre comentado Areópago de Itambé, fundado por Arruda Câmara em 1800 e que, embora alguns historiadores maçons afirmem que não se tratava de Loja Maçônica tal como a conhecemos hoje, foi um centro difusor de idéias libertárias.

Ainda em 1800, temos, finalmente, o primeiro registro histórico de formação regular de uma Loja Maçônica em território brasileiro, ainda colônia portuguesa, a União, no Rio de Janeiro, vindo logo a seguir, a Reunião, no ano seguinte, ambas patrocinadas pelo Grande Oriente da França. As duas Lojas seguintes, Constância e Filantropia, de 1803, surgiram sob os auspícios do Grande Oriente Lusitano.

Essa divisão entre a influência francesa e portuguesa na Maçonaria brasileira, que, aparentemente, nada tinha de importante, provocaria reflexos na História e o rompimento fraterno de dois notáveis maçons, José Bonifácio de Andrada e Silva e Joaquim Gonçalves Ledo, os principais protagonistas da campanha que levou o Brasil à independência.

O Bloqueio Continental imposto por Napoleão a Portugal trouxe toda a família real lusitana para o Brasil, em 1808. A Maçonaria brasileira vivia uma época de plena expansão, com Lojas se instalando por todas as províncias, a maioria sob inspiração francesa. Isso levou a que o Grande Oriente Lusitano também se interessasse em instalar-se no Brasil, resultando na criação de algumas Lojas no Rio de Janeiro, que, em vista de interesses políticos antagônicos, logo desapareceram, ou, na linguagem maçônica, adormeceram.

Os maçons de inspiração francesa queriam, não só a independência política, mas, simultaneamente, a proclamação de um sistema republicano de governo. Do outro lado, os maçons ligados ao Grande Oriente Lusitano se contentavam com a separação política. Tanto na Europa como no Brasil, os dois grupos foram identificados pela História como Maçonaria Vermelha, vitoriosa em movimentos na França, nos Estados Unidos e em países americanos com nascentes repúblicas e Maçonaria Azul, que acabou vingando apenas no Brasil e Portugal, defendendo uma monarquia constitucional. Entre as duas, havia apenas um interesse comum a traçar a unidade de pensamento: o fim do regime absolutista de governo. Entre os Vermelhos, o nome mais notável na Maçonaria brasileira foi o do jornalista Gonçalves Ledo; juntando-se aos Azuis estava o Patriarca da Independência, José Bonifácio Andrada e Silva. A Revolução Liberal portuguesa em 1820, teve articulação maçônica dos dois grupos que viriam a se separar, infelizmente, logo depois.

No Brasil, as idéias libertárias fervilhavam em todas as Lojas e novo movimento revolucionário eclodiu no Nordeste sob inspiração maçônica, a Revolução Pernambucana, em 1817. A conspiração nasceu em Lojas Maçônicas e dela fizeram parte muitos maçons, alguns sacrificados. Com a capitulação do comandante de armas, Caetano Pinto, em 7 de março daquele ano, formou-se um governo provisório formado exclusivamente por maçons. Medidas liberais foram decretadas e o novo governo adotou uma bandeira que trazia, encimando o pavilhão, a Estrela Flamígera, símbolo dos mais significativos da Sublime Ordem. Sufocado o movimento, seus principais líderes foram presos, julgados e condenados ao suplício e morte. Foi o primeiro governo autônomo e livre do Brasil e embora tenha durado apenas dois meses e meio, marcou a História por sua expressão. Um resultado esperado para tanta movimentação política foi o alvará de Dom João VI, de 30 de março de 1818 que proibiu as sociedades secretas, indistintamente. Silenciava a Maçonaria oficial, porém não os maçons.

Pelo breve relato que fazemos dos fatos mais relevantes e que antecederam a Independência do Brasil, nota-se que a Maçonaria agia como organização política. Em todos os episódios, verifica-se que os princípios basilares da instituição maçônica foram mantidos, o principal deles, a liberdade. Voltemos à História.

Com a morte da mãe, Dona Maria, o rei Dom João é obrigado a voltar para Portugal, mesmo contra a vontade, deixando o filho, Dom Pedro como regente. As influências de maçons sobre o príncipe foram registradas, da mesma forma que as intrigas palacianas que tanto mal fizeram à Sublime Ordem. Já se disse que Gonçalves Ledo era um republicano histórico e disso nunca fez segredo. Sentindo que para o país, naquele momento a monarquia poderia servir se fosse alcançada a independência, recuou em seu sonho e aliou-se a outros grupos maçônicos para o fim almejado.

Dom Pedro estava sendo pressionado a deixar o País, a mando do pai, o rei Dom João. Os acontecimentos que culminaram no histórico Dia do Fico, em 9 de janeiro de 1822, Quando o príncipe regente decidiu permanecer no Brasil tiveram total articulação de maçons junto a diversas camadas da população. Mostrando sua rebeldia em relação ao pai e senhor, Dom Pedro andava a passos largos rumo à independência. O dia do Fico marcou o início da nossa emancipação política, acentua o historiador Varhagen, em sua História da Independência do Brasil.

No Brasil vingava a Maçonaria Azul e o pensamento da monarquia constitucional; aos Vermelhos restava a reorganização e quem sabe, no futuro, a República. A independência estava por vir e o republicano Gonçalves Ledo sentia que o momento era para tranquilizar o país, abrindo mão, temporariamente, do anseio republicano. Por iniciativa da Maçonaria, em 13 de maio de 1822, o Senado da Câmara outorga a Dom Pedro o título de Protetor e Defensor Perpétuo do Brasil; o primeiro ele não aceita, mas o segundo, sim, garantido a seu pai, em carta que “jurava mostrar-se digno enquanto uma gota de sangue corresse em suas veias”.

No Rio, prevaleciam os Maçons Azuis, pois os Vermelhos em vista dos acontecimentos haviam provocado o abatimento de Coluna de suas Lojas. Novamente unidos, os maçons brasileiros fundam o Grande Oriente Brasileiro, elegendo José Bonifácio de Andrada e Silva para o cargo de Grão-Mestre e Gonçalves Ledo como 1º Grande Vigilante. Para a Grande Oratória foi conduzido o cônego Januário da Cunha Barbosa, grande amigo e colaborador de Ledo. Os maçons alcançam finalmente, prestígio junto à população.

No mesmo ano, Dom Pedro faz sua solene Iniciação na Maçonaria e toma conhecimento dos serviços que à sua causa e ao Brasil já havia feito a Maçonaria. Da mesma forma que o Fico teve inspiração maçônica, a decisão de romper definitivamente os laços políticos com Portugal foi sugerida pelo maçom José Bonifácio. É de se supor que o príncipe aguardava em São Paulo notícias da metrópole ou instruções para proclamar a independência, quando de sua prolongada viagem a São Paulo; não havia motivos para ficar na província por tanto tempo, comentam alguns historiadores. Finalmente, a 7 de setembro, cerca de quinze dias após deixar o Rio, chega o correio com importantes correspondências procedentes de Lisboa e enviadas por Dona Leopoldina, então na regência interina do governo. As ordens portuguesas eram taxativas e iam de encontro a decisões do príncipe regente, e pior, depondo o ministério de Dom Pedro e indicando novos nomes para o Gabinete de Governo.

Tanto Dona Leopoldina quanto José Bonifácio indicavam a Dom Pedro a urgência de uma decisão em favor da independência. A História registra o famoso Grito do Ipiranga Independência ou Morte, embora haja dúvidas sobre sua autenticidade.

Não bastou o Grito do Ipiranga. Faltava a aclamação de Dom Pedro como chefe de Estado e de Governo do novo Império. Coube à Maçonaria apressar os acontecimentos. Um historiador catarinense, Lucas Boiteux registra: “Com pasmosa celeridade começou a propagar-se a idéia feliz da nossa emancipação política. (...) Para todos os cantos partiram emissários. A Santa Catarina veio, diz ele, mandado pela maçonaria, Alexandre José Tinoco, que se havia oferecido para levantar o povo em favor da causa”. A aclamação foi no dia 12 de outubro, data do aniversário de Dom Pedro.

Outra demonstração da indiscutível influência que a Maçonaria teve na emancipação política brasileira está no Hino da Independência, cujos autores eram maçons. Da letra, Evaristo da Veiga; da música, o próprio Dom Pedro.

No decorrer da nossa História, a Maçonaria continuaria a agir e articular em favor de mudanças, como a abolição da escravatura e a proclamação da República, mas isso é assunto para outra ocasião. Por enquanto, fiquemos com a certeza de que a Maçonaria continua a ser um centro de estudos e de difusão de idéias democráticas, ao lado do Bem e da Moral, trabalhando em nossos Augustos Templos em favor da Humanidade, buscando a tolerância como um Bem e não suportando a tirania de qualquer espécie ou graduação.

Oriente de Caratinga - MG 5 de setembro de 2002

Carlos Alberto Fontainha

M.: M.:

Aug.: e Resp.: L.: Simb.: Caratinga Livre

Trabalho apresentado por ocasião da Sessão Magna em comemoração ao Dia da Independência, presidida pelo Ven.: Mestre Manoel de Almeida Lopes.